

**A TOMADA DE CONSCIÊNCIA EM *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*:
UMA PERSPECTIVA DO FEMINISMO EXISTENCIALISTA**

**THE AWARENESS IN *A PAIXÃO SEGUNDO G.H.*:
A PERSPECTIVE THE OF EXISTENTIALIST FEMINISM**

*Ludmilla Carvalho Fonseca*¹

DOI: 10.11606/issn.1981-7169.crioula.2017.137529

RESUMO: A proposta deste artigo é investigar a tomada de consciência em *A Paixão Segundo G.H.*, de Clarice Lispector, como uma perspectiva do feminismo existencialista na literatura clariceana. O principal objetivo é demonstrar que o feminismo existencialista presente na obra em questão está vinculado ao fenômeno da tomada de consciência vivida pela personagem G.H.

ABSTRACT: The purpose of this article is to investigate the awareness in *A Paixão Segundo G. H.*, by Clarice Lispector, as a perspective of existentialist feminism in the literature of Clarice Lispector. The main objective is to demonstrate that the existentialist feminism present in the work in question is linked to the phenomenon of the awareness experienced by the character G.H.

PALAVRAS-CHAVE: Tomada de consciência; Clarice Lispector; Feminismo existencialista.

KEYWORDS: Awareness; Clarice Lispector; Existentialist feminism.

¹ Doutoranda pela UNESP/FAPESP, com a pesquisa *Estilhaços de paixão e beleza: a tomada de consciência em A paixão segundo G.H.* (1964), de Clarice Lispector, e *Les belles images* (1966), de Simone de Beauvoir.

ROMANCE PSICOLÓGICO E LITERATURA EXISTENCIALISTA EM CLARICE LISPECTOR

Clarice Lispector nasceu em Tchetchelnik, na Ucrânia, em 1926 e faleceu no Rio de Janeiro, em 1977. A autora publicou diversos gêneros, sendo eles: romances, uma novela, contos, literatura infantil, crônicas, correspondências, entrevistas e artigos de jornais. Dentre as principais obras é importante destacar *Perto do Coração Selvagem* (1944); *O Lustre* (1946); *A Cidade Sitiada* (1949); *Laços de Família* (1960); *A Maçã no Escuro* (1961); *A Paixão Segundo G. H.* (1964); *A Legião Estrangeira* (1964); *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres* (1969); *Felicidade Clandestina* (1971); e *A Hora da Estrela* (1977). Ela pertence à terceira fase do movimento modernista e compõe o rol de escritores que desenvolveram prosa intimista.

Segundo Alfredo Bosi (2006), desde que Clarice publicou *Perto do Coração Selvagem*, em 1944, a crítica literária já apontava que seu romance estava em harmonia com a técnica de James Joyce, Virgínia Woolf e Faulkner. A autora apresenta um processo de amadurecimento na técnica de narrar, que percorre desde sua primeira obra até seus dois últimos romances. Conforme aponta Bosi (2006),

Clarice Lispector se manteria fiel às suas primeiras conquistas formais. O uso intensivo da metáfora insólita, a entrega ao fluxo de consciência, a ruptura com o enredo factual têm sido constantes do seu estilo de narrar que, na sua manifesta heterodoxia,

lembra o modelo batizado por Umberto Eco de “opera aberta”. Modelo que já aparece, material e semanticamente, nos últimos romances, A Paixão Segundo G. H. e Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres (BOSI, 2006, p. 452).

Além da perspectiva da obra aberta, relacionada à proposição dada por Umberto Eco (1971), em *A Paixão Segundo G.H.*, cujo foco narrativo é narrador-personagem, encontra-se uma profusão de elementos literários que caracterizam a narrativa intimista, como a metáfora insólita, o fluxo de consciência e a ruptura com o enredo factual. Além disso, o romance está dotado de outros elementos como digressão, discurso indireto livre e monólogo interior. Todos esses elementos que caracterizam este tipo de romance, denominado por Erich Auerbach (2013) de romance psicológico, são discutidos por ele quando analisa *To The Lighthouse*, de Virginia Woolf, e demais obras.

Segundo o autor alemão, o romance psicológico irá inaugurar profundas mudanças no plano narrativo. Marcel Proust foi o primeiro a trabalhar as representações da consciência desprendidas da presença do acontecimento exterior, pelo qual foram liberadas, de “forma coerente, e toda sua forma de proceder está atada ao reencontro da realidade perdida na memória, liberada por um acontecimento exteriormente insignificante e aparentemente casual” (AUERBACH, 2013, p. 487 - 488).

Uma outra questão levantada por Auerbach (2013) é a relação entre processo externo e processo interno. No caso do romance de Clarice, quando G.H. se depara com a barata,

que é um elemento exterior insignificante, este passa a causar uma série de reflexões existenciais na protagonista (processo interno), conduzindo-a à tomada de consciência. Neste caso, tomando como base Ricardo Iannace (2001), além da perspectiva psicológica, a literatura de Clarice Lispector também é marcada pelo existencialismo e pelas perspectivas fenomenológicas, bem como pela abordagem feminista.

Susana Bornéo Funck (2016), ao analisar o romance, dá enfoque à transformação existencial da personagem, que tem início com a revelação, ao deparar-se com

[...] a barata “imemorial” que G.H esmaga ao fechar a porta do armário [incorporando] o contraste entre vida e morte, passado e presente, desencadeando um processo de estranhamento que a leva perder suas coordenadas históricas e sociais, e penetrar no que ela percebe como “a mais primária vida divina, [...] um inferno de vida crua” (p. 60). Em estado natural – “na bruta e crua glória da natureza” (p. 64) – não há linguagem ou lógica para guiá-la (FUNCK, 2016, p. 400).

Toda a contribuição que Auerbach (2013) traz para a teorização da literatura psicológica demonstra que ela é um reflexo da realidade, espelho da realidade autêntica objetiva através de impressões subjetivas das personagens, ou seja, é uma representação da condição humana.

Hélène Cixous (1962), ao estabelecer uma relação entre Clarice Lispector e a personagem G.H. no seu ensaio *Aproximação de Clarice Lispector. Deixar-se ler (por) Clarice Lispec-*

tor – A Paixão segundo C.L., aproxima ambas, conduzindo ao entendimento de uma produção literária marcada por traços autobiográficos ao compor a personagem de *A Paixão Segundo G.H.* Nesse caso, G.H. e Clarice, aos olhos de Cixous, são a mesma mulher, e, portanto, delas partem da desconstrução de valores, como verdade, beleza, paixão... “Porque na escola de Clarice aprendemos a mais bela das lições: a lição da feiura” (CIXOUS, 1962, 21).

Há o risco-Clarice. Clarisco: através do horrível até a Alegria. Pois Clarice tem o terrível esplendor de ousar o real, que não é belo, que não é organizado, de ousar o vivo, que não é simbolizado, que não é pessoal, de ser no cerne do é que é sem mim, de escrever ao correr dos signos, sem história. Ousa, quer, o clichê, o pobre, o ínfimo, o efêmero, de cada instante. Não tem medo, quer verdade, vida, que não tem sentido; a infinita resistência do que está vivo. Só tem medo de ter medo. Vai. Não se protege. Se perde. Protege-se apenas da mentira (CIXOUS, 1962, p. 21 – 22).

Benedito Nunes (1995) trata do processo de desconstrução e reconstrução da individualidade da personagem G.H., destacando a densidade das experiências subjetivas presentes nessa obra. Esse momento de contestação da realidade interior, que demanda mudança de curso na vida de G.H., é o que busca-se definir enquanto tomada de consciência.

G.H. passa por um processo de conversão radical. A experiência do sacrifício de sua identidade pessoal impõe-lhe a dolorosa sabedoria da renúncia, traduzida numa atitude negativa de despersonalização ou “deseroização”. [...] Além de dolorosa, essa sabedoria é paradoxal, pois que a perda de G.H. transformar-se-á em ganho. Pela negação de si mesma, ela alcançará sua verdadeira e própria realidade (NUNES, 1995, p. 59 – 60).

Essa situação de perturbação das condições subjetivas promove uma transformação no interior da protagonista, constituindo a tomada de consciência, ao que Nunes (1995) associa à metáfora da travessia do deserto.

No entanto, a personagem, que retorna ao mundo, é e não é mais a mesma que fora quando dele foi apartada. Sua experiência negativa terá sido um processo de transformação interior, consumada, como o dos ascetas, no segredo da consciência solitária, entre um momento de ruptura e um momento de retorno. Essa trajetória, que sintetiza a linha da ação de PSGH, acompanha, de muito perto, a via mística, reproduzindo-lhe as imagens típicas de deslocamento espacial (saída/entrada), a tópica do deserto (aridez, secura, solidão, silêncio) e a contraditória visão do inefável (realidade primária, núcleo, nada, glória). Ao sair de seu mundo, G.H. entra noutra de absoluta solidão [...]. É “a larga vida do silêncio”, interior e exterior, silêncio compacto que tem a amplidão e a aridez de um deserto (NUNES, 1995, p. 66).

HÁPAX EXISTENCIAL, EPIFANIA E TOMADA DE CONSCIÊNCIA EM G.H.

A Paixão Segundo G.H. (LISPECTOR, 2014), romance publicado em 1964, se desenvolve em torno da personagem que é apenas identificada pelas iniciais G.H.

Oculto-se em G.H., sob aparência de uma vida tranquila, independente, mundana, estável, situada no topo da hierarquia social [...], uma vida secreta que ela conhece apenas de relance e que lhe vai ser revelada no momento do confronto (NUNES, 1995, p. 60).

Este momento é caracterizado pelo incidente em que G.H. se depara com uma barata, no quarto da empregada, que havia sido demitida, e que irá gerar em si profundas reflexões existenciais, ocasião que marca a tomada de consciência no romance.

Como chamar de outro modo aquilo horrível e cru, matéria-prima e plasma seco, que ali estava, enquanto eu recuava para dentro de mim em náusea seca, eu caindo séculos e séculos dentro de uma lama – era lama, e nem sequer lama já seca mas lama ainda úmida e ainda viva, era uma lama onde se remexiam com lentidão insuportável as raízes de minha identidade. [...] Era isso – era isso então. É que eu olhava a barata viva e nela descobria a identidade de minha vida mais profunda. Em derrocada difícil, abriam-se dentro de mim passagens duras e estreitas (LISPECTOR, 2014, p. 57).

A tomada de consciência permeia a literatura clariceana e recebe destaque ao longo da narrativa protagonizada por G.H., na qual a escritora se utiliza da perspectiva existencialista feminista para conduzir rupturas na superficial condição existencial da vida cotidiana da personagem.

Ao longo da narrativa, esse suposto equilíbrio, sustentado por valores de classe, se depara com uma situação de profunda reflexão, e são, por sua vez, estilhaçados na medida em que a protagonista passa a contestar seu destino, jogando por terra todos aqueles valores morais e estéticos transmitidos pela sociedade dominante.

A tomada de consciência vivenciada por G.H. passa a se manifestar mais claramente na obra a partir do momento em que a protagonista sofre o hápax existencial², momento em que a personagem depara-se com uma barata no quarto da empregada. Diante desse evento, a seu ver, escatológico, que inicialmente gera repulsa e atordoia sua consciência de mulher branca e financeiramente privilegiada, a personagem começa a refletir sobre a condição existencial de ser mulher. Ao longo da narrativa, desenvolve-se um monólogo intimista de caráter feminista existencial.

Pode-se compreender a tomada de consciência como um processo no qual a mulher passa a contestar seu destino. Esse processo tem início com o fenômeno do hápax. Em *A Arte de Ter Prazer*, obra em que Onfray (1999) introduz a reflexão sobre os hápax existenciais, este argumenta que eles são

2 Segundo Michel Onfray (1995, p. 206), “os hápax [existenciais] são experiências que ocorrem apenas uma vez, mas que determinam toda uma existência no indivíduo.”

experiências radicais e fundadoras ao longo das quais do corpo surgem iluminações, êxtases, visões que geram revelações e conversões que se configuram em concepções do mundo coerentes e estruturadas.

A tensão habita a carne longamente. O corpo é um estranho lugar em que circulam influxos e intuições, energias e forças. Às vezes, a resolução dos conflitos, dos enigmas, as soluções para conjurar sombras e confusões aparecem num momento de excepcional densidade que cinde a existência e inaugura uma perspectiva rica de todas as potencialidades. [...] A razão só produz ordem quando o corpo fornece o material. Os que conhecem o homem neuronal certamente diriam de que modo uma singularidade filosófica é, talvez, antes de tudo um corpo excêntrico, uma carne que delira (ONFRAY, 1999, p. 29 – 30).

No caso de G.H., o que estimula o impulso contestatório da situação de angústia por ela vivida é justamente a manifestação equivalente dos fenômenos: hápax existencial e tomada de consciência. Na narrativa, ocorrem a revelação e o processo de conversão que vai habitar seu corpo e culminar na tomada de consciência, como um fenômeno mais complexo que excede o evento epifânico do hápax existencial. Manifestam-se então, radicais experiências que fundam iluminações e tensões, abrindo possibilidades para novas visões de mundo, estimulando a resolução de crises existenciais, criando singularidades.

Por sua vez, esse momento perturbador da situação de aparente equilíbrio, inaugura a tomada de consciência, momento que decorre do hápax existencial como estímulo inicial

do processo maior que vai generalizar na transformação da consciência, promovendo a reflexão existencial de caráter feminista, que vai suceder o passado convencional, superficial e moralizante da personagem G.H.

A tentação do prazer. A tentação é comer direto na fonte. A tentação é comer direto na lei. E o castigo é não querer mais parar de comer, e comer-se a si próprio que sou matéria igualmente comível. E eu procurava a danação como uma alegria. Eu procurava o mais orgíaco de mim mesma. Eu nunca mais repousaria: eu havia roubado o cavalo de caçada de um Rei da alegria. Eu era agora pior do que eu mesma! (LISPECTOR, 2014, p. 136).

Esse momento, durante o processo de contestação da realidade, seja intersubjetiva ou social, moral ou existencial, baseada em uma existência superficial, conduz à mudança de curso na vida da personagem, compondo a tomada de consciência.

Ao longo das narrativas clariceanas, segundo demonstra Olga de Sá (2000), decorrem esses eventos que causam transformações profundas nas consciências das personagens, “o que Affonso Romano considera ponto central de seu trabalho – a escritura de Clarice Lispector como epifania³” (SÁ, 2000, p. 167).

3 “O termo epifania vem do grego *epi* = sobre e *phaino* = aparecer, brilhar; *epipháneia* significa manifestação, aparição” (SÁ, 2000, p. 168). De acordo com Affonso Romano de Sant’Anna (1973, p. 187), epifania é o “relato de uma experiência que a princípio se mostra simples e rotineira, mas que acaba por mostrar toda a força de uma inusitada revelação.”

Assim como existe em Clarice toda uma gama de epifanias da beleza e visão, existe também uma outra, de epifanias críticas e corrosivas, epifanias do mole e das percepções decepcionantes, seguidas de náusea ou tédio; os seios flácidos da tia que a acolhem depois da morte do pai, o professor hipocôndrico rodeado de chinelos e remédios, o marido Otávio fraco e incapaz de agredir a vida, a barata, massa informe de matéria viva (SÁ, 2000, p. 200).

Além da epifania – fenômeno que se aproxima do hápax existencial – presente em *A Paixão Segundo G.H.*, é de suma importância compreender que esses eventos (epifania e hápax) promovem, na narrativa, o mergulho da protagonista no processo de tomada de consciência, a reflexão existencial feminista que perdura ao longo de toda a obra. Dessa forma, é importante salientar que o processo de tomada de consciência em G.H. engloba desde a sua origem (hápax existencial ou epifania), o decorrer desse processo, momento em que a personagem modifica seu modo de pensar e passa a contestar a condição social na qual está inserida, bem como, a condição existencial feminina.

Com essa obra, Clarice demonstra um novo significado para esses termos que, no romance, adquire caráter filosófico, distanciando-se de suas acepções superficiais. Partindo do conceito de paixão, noção que de um modo geral foi posta para forjar o ser mulher pela interpretação falocêntrica⁴,

⁴ Segundo Judith Butler (2015, p. 36), “ao invés de um gesto linguístico autolimitativo que garanta a alteridade ou a diferença das mulheres, o falocentrismo oferece um nome para eclipsar o feminino e tomar seu lugar.”. Irigaray “denuncia a dialética do Mesmo e do Outro como um falso binário, a ilusão de uma diferença simétrica que con-

esse romance apresenta a tomada de consciência por uma perspectiva ampla, abarcando todo o processo de ruptura da condição de dominação em que a mulher está submetida, resultando nos estilhaços dessas representações formatadoras.

A Paixão Segundo G.H. conduz a leitora por diversos caminhos convergentes: os recursos narrativos que estimulam a reflexão existencial, o caráter ideológico que porta a obra ao abordar temas vinculados à autodeterminação de ser mulher, e a maneira como ocorre o processo de tomada de consciência da personagem como perspectiva do feminismo existencialista na narrativa ficcional. Estes recursos possibilitam a reflexão, e garantem o questionamento do patriarcado, fazendo com que o romance funcione como um instrumento que estimule a mulher a refazer seus caminhos e lutar pela liberdade.

OS FUNDAMENTOS DA TOMADA DE CONSCIÊNCIA E O FEMINISMO EXISTENCIALISTA

Simone de Beauvoir (2009), em *O Segundo Sexo*, demonstra o processo de passividade no qual a mulher está inserida, sendo produto da dominação masculina⁵. Segundo a autora,

solidaria a economia metafísica do falocentrismo, a economia do mesmo. Em seu ponto de vista, tanto o Outro como o Mesmo são marcados como masculinos; o Outro é apenas uma elaboração negativa do sujeito masculino, com o resultado de que o sexo feminino é irrepresentável – ou seja, é o sexo que, nessa economia significativa, não o é. Mas não o é também no sentido de que escapa à significação unívoca característica do Simbólico, e de que não é uma identidade substantiva, mas sempre e somente uma relação indeterminada de diferença na economia que o representa como ausente.” (BUTLER, 2015, p. 180 – 181).

5 “[...] sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou,

Enquanto o conformismo é para o homem muito natural – o costume tendo sido estruturado de acordo com suas necessidades de indivíduo autônomo e ativo – será necessário que a mulher, que é também sujeito, atividade, se dissolva em um mundo que a destinou à passividade. É uma servidão ainda mais pesada porque as mulheres, confinadas na esfera feminina, lhe hipertrofiaram a importância. [...] A partir do momento em que se livra de um código estabelecido, o indivíduo torna-se um revoltado (BEAUVOIR, 2009, p. 883).

Nesse contexto de transformação da personagem G.H., que rompe com as superfícies cristalizadas ao mergulhar no estágio de tomada de consciência, tornando-se outra mulher, faz-se necessário destacar brevemente como é entendido esse conceito.

Tomando como sustentação o trabalho de Armelle Chanel Balas (1998) e a discussão conceitual que ela promove com base na reflexão sobre tomada de consciência formulada por Piaget, é possível verificar a hipótese de que existem vários graus de consciência.

Jean Piaget cria a hipótese da existência de vários “graus” de consciência por três razões. A primeira é a presença de “compromisso” entre o sucesso pre-

em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação, exercida em nome de um princípio simbólico conhecido e reconhecido tanto pelo dominante quanto pelo dominado de uma língua (ou de uma maneira de falar), de um estilo de vida (ou de uma maneira de pensar, de falar ou de agir) e, mais geralmente, de uma propriedade distintiva, emblema ou estigma, dos quais o mais eficiente simbolicamente é essa propriedade corporal inteiramente arbitrária e não predicativa que é a cor da pele.” (BOURDIEU, 2012, p. 7 – 8).

coce e os primeiros erros da tomada de consciência (lançar do fundo). A segunda é que é duvidoso que uma ação bem sucedida seja completamente inconsciente. A terceira é que se a conceitualização é um processo, então seu grau de consciência deve variar. A construção do conhecimento também progride do conhecimento momentâneo (por exemplo, a hora vista, mas não registrada) – quer dizer, uma consciência fugaz sem integração conceitual ou representativa, em direção a uma consciência cada vez mais estável e cada vez mais ampla. A “tomada de consciência” é o processo de conceitualização, reconstruindo depois ultrapassando (por semiotização e representação) o que foi adquirido em esquemas de ação. Não existe diferença de natureza entre a tomada de consciência da ação própria e a tomada de consciência das sequências exteriores ao sujeito, todas as duas comportam uma elaboração gradual de noções a partir de um dado, que consiste em aspetos materiais da ação executada pelo sujeito ou pelas ações que se efetuam entre os objetos.⁶ (BALAS, 1998, p. 33 – tradução nossa)

6 Jean Piaget fait l'hypothèse de l'existence de plusieurs “degrés” de conscience, et ceci pour trois raisons. La première est la présence de “compromis” entre la réussite précoce et les débuts erronés de la prise de conscience (lancer de la fronde). La seconde est qu'il est douteux qu'une action qui réussit soit complètement inconsciente. La troisième est que si la conceptualisation est un processus, alors son degré de conscience doit varier. La construction de la connaissance va ainsi progresser de la conscience momentanée (par exemple, l'heure vue mais non enregistrée) - c'est à dire une conscience fugace sans intégration conceptuelle ou représentative, vers une conscience de plus en plus stable et de plus en plus large. La “prise de conscience” est le processus de conceptualisation reconstruisant puis dépassant (par sémiotisation et représentation) ce qui était acquis en schèmes d'action. Il n'y a donc pas de différence de nature entre la prise de conscience de l'action propre et la prise de connaissance des séquences extérieures au sujet, toutes deux comportant une élaboration graduelle de notions à partir d'un donné, que celui-ci consiste en aspects matériels de l'action exécutée par le sujet ou des actions s'effectuant entre les objets (BALAS, 1998, p. 33).

Este fenômeno é visto como um processo, não como um dado momentâneo, ao contrário do hápax e da epifania. Nessa interpretação, entende-se que o conhecimento passa da percepção imediata para uma apreensão mais ampla, complexa e profunda. A tomada de consciência da ação própria está interligada à tomada de consciência das sequências exteriores ao sujeito.

Tomando como base essa assertiva, pode ser feita uma reflexão sobre o papel da mulher que, inserida no contexto de uma sociedade patriarcal, adquire consciência da sua condição existencial de ser mulher nesse mundo dominado pelo androcentrismo, rompendo com a dominação masculina e tomando consciência de si enquanto sujeito e consciência do mundo no qual ela está imersa.

Refletindo sobre si e sobre seu papel na sociedade, ela não se vê fora dessa realidade. Quando a mulher reconhece que está sendo subjugada, quando não consegue exercer sua liberdade plena dentro de uma sociedade machista, poderá buscar transformar a situação de opressão na qual está inserida. O ser-mulher e a sociedade não se separam, eles são um amálgama. Ela é um sujeito que quer mudar o próprio sujeito e quer mudar o objeto. Nesse caso, há uma relação entre sujeito-sujeito e sujeito-sociedade.

Quando ela toma consciência de si, engaja-se na luta pela libertação das estruturas repressoras. A partir daí, não é possível conviver somente com a consciência individual, porque, dessa forma, ela percebe que há um abismo entre o sujeito e a sociedade.

Já no caso de Jean-Paul Sartre (2007), em *O Ser e o Nada*, este elabora sua teoria existencialista, baseando-se na produção da consciência como modelo de explicação da relação entre o ser e o objeto, submetendo esse trânsito à questão da faticidade. Na sua compreensão, a tomada de consciência jamais é consciência pura do instante, pois ela é sempre parte de um empreendimento ou um processo de construção.

*Na verdade, como vimos, tomar consciência (de) si jamais significa tomar consciência do instante, pois o instante é apenas uma “visão do espírito”, e, ainda que existisse, uma consciência que se captasse no instante já não capitaria nada. Só posso tomar consciência de mim enquanto tal homem em particular comprometido em tal ou qual empreendimento, contando antecipadamente com tal ou qual êxito, re-
ceando tal ou qual resultado, e, pelo conjunto dessas antecipações, esboçando na íntegra sua figura (SARTRE, 2007, p. 570).*

Para Beauvoir (2009), a tomada de consciência está ligada ao rompimento com as convenções sociais que incluem o modelo de sociedade instaurado nos privilégios patriarcais. Em sua interpretação social, a escritora e filósofa demonstra que o patriarcado está presente em toda sociedade em virtude deste ter sido estabelecido através da tomada de consciência do homem, que não possibilita que a mulher tome consciência autônoma de si e da realidade, submetendo-a às suas convenções de dominação.

E é por isso que toda sociedade tende para uma forma patriarcal quando sua evolução conduz o homem a tomar consciência de si e a impor sua vontade. Mas é importante sublinhar que, mesmo nas épocas em que ainda se sentia confundido ante os mistérios da Vida, da Natureza, da Mulher, nunca abdicou de seu poder; quando, assustado ante a perigosa magia da mulher, ele a põe como o essencial, é ele quem a põe e assim se realiza como o essencial nessa alienação em que consente; apesar das fecundas virtudes que a penetram, o homem permanece o senhor, como é o senhor da terra fértil; ela destina-se a ser dominada, possuída, explorada, como o é também a Natureza, cuja mágica fertilidade ela encarna (BEAUVOIR, 2009, p. 112 – 113).

No caso da narrativa *A paixão segundo G.H.*, tomar consciência é um ponto crucial no decorrer da resolução dos conflitos existenciais da personagem. E diante desse processo de ruptura com a realidade que a sufoca, resta à personagem reconstruir seu caminho, desfazendo os conceitos preconcebidos por uma sociedade burguesa, quebrando essa ordem, deixando em pedaços esses valores.

A paixão segundo G.H. é um texto que aborda a tortuosa caminhada de construção do eu. Essa caminhada é metaforizada, num momento da narrativa, por um túnel, que a personagem diz não saber se vai atravessar. Ela discute a vontade de sair viva do túnel, não apenas viva como a barata, mas organizadamente viva como uma pessoa. Viva, procurando resgatar sua essência, e buscando abandonar as marcas de uma existência superficial.

No decorrer da narrativa, vimos a personagem atravessar o temido túnel, elaborando um discurso de desconstrução de conceitos e verdades repletas de valores, como: o humano, o amor, a esperança, o Deus, o artificial e o essencial, o vazio, o prazer, dentre outros.

Ela passa pelo processo de tomada de consciência, rompe com os padrões, e destitui os elementos que aprisionam a mulher aos códigos da dominação masculina. Devido à ruptura com o caráter banal e superficial do modo de vida angustiante que a protagonista estava inserida, a tomada de consciência provoca a ressignificação de sua condição existencial. Esta ganha profundidade e conteúdo no desfecho do romance quando G.H. passa a associar autodeterminação e transformação da consciência à liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, E. *Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 43ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BUTLER, J. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CHANEL BALAS, A. *La prise de conscience de sa maniere d'apprendre. De la métacognition implicite à la métacognition explicite. Docteur en Science de l'éducation (thèse de doctorat)*. Université Grenoble II. Pierre Mendes-France U.F.R. Sciences de l'Homme et de la Société Département Sciences de l'Éducation. Saint-Martin-d'Hères, 1998, 325 p.

CIXOUS, H. *Aproximação de Clarice Lispector. Deixar-se ler (por) Clarice Lispector – A Paixão segundo C. L. Revista Tempo Brasileiro*, vol. 1, nº 1, trimestral. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1962, p. 9 – 24.

ECO, U. *A obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

FUNCK, S. B. *Crítica literária feminista. Uma trajetória*. Florianópolis: Insular, 2016.

IANNACE, R. *A leitora Clarice Lispector*. São Paulo: Edusp, 2001.

LISPECTOR, C. *A paixão segundo G. H.* Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

NUNES, B. *O drama da linguagem. Uma leitura de Clarice Lispector*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

ONFRAY, M. *A arte de ter prazer. Por um materialismo hedonista*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ONFRAY, M. *A escultura de si. A moral estética*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

SÁ, O. de. *A escritura de Clarice Lispector*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SANT'ANNA, A. R. de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

SARTRE, J.-P. *O ser e o nada*. Ensaio de ontologia fenomenológica. 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

Submissão: 30/08/2017

Aceite: 26/10/2017